

Jovens Repórteres



Somos estudantes de Artes da Escola Secundária Damião de Góes e tivemos o privilégio de participar nas atividades de fotografia e de jornalismo dos Jovens Repórteres. Nós, Rita Andrade e Mariana Carvalho, envolvemo-nos nesta experiência com o objetivo de expandir os nossos horizontes criativos e desenvolver novas competências na área da comunicação.

Participar no seminário dos Jovens Repórteres de Portugal, em Sintra, foi uma experiência verdadeiramente enriquecedora. A cidade de Sintra, com a sua beleza histórica e paisagens deslumbrantes, oferece deveras um cenário perfeito para este evento. Desde o momento em que chegamos, ficamos imersos num ambiente de aprendizagem e criatividade. O seminário ofereceu workshops práticos e atividades interativas, para que os aspirantes a jornalistas e a fotógrafos

tivessem a oportunidade de aprender com profissionais experientes. As sessões cobriram uma ampla gama de tópicos, desde técnicas de reportagem e escrita, até aos mais modernos conceitos de fotografia.

Uma das maiores vantagens deste seminário foi a oportunidade imediata de colocar em prática o que se aprendeu. Os participantes foram incentivados a explorar Sintra, capturando a essência da cidade através das suas lentes e palavras.

Além da aprendizagem, o seminário promoveu um espírito de comunidade incrível.

Em resumo, o seminário dos Jovens Repórteres de Portugal foi muito mais do que uma oportunidade educativa. Foi uma experiência que moldou futuros jornalistas e fotógrafos.

Rita Andrade, 12ºI



Histórias e reflexões dos nossos alunos

O que se passa com as tecnologias?

Telemóveis, consolas, computadores, as novas gerações estão perdidas.

Na minha altura, eu e os meus colegas jogávamos ao berlinda e ao lançamento do peso com pedras, hoje em dia as crianças nascem e já lhes põem telemóveis ou tablets à frente!

A semana passada fui almoçar a casa da minha filha e quando lá cheguei estava ela e o marido a preparar o almoço enquanto o meu neto dormia, e não é que quando fui ver o que era o almoço, eles estavam a ver a receita de um caril de gambas no telemóvel.

Passada meia hora, o Martim acordou esfomeado como de costume e a comida já estava na mesa. Então, tirei-o da cama e pu-lo na sua cadeirinha, comeu a sopa dele e não gostou, logo, começou a chorar, e houve uma coisa que me impressionou, bastou meter um vídeo sei lá do quê e ele calou-se e comeu a sopa.

Não sei qual é a magia que têm nas novas tecnologias, mas sei que vai ser um problema no futuro.



José de Almada Negreiros, Maternidade, 1935

João Saboeiro, 9.º H

O Futuro Silencioso



Vicent Van Gogh, Os comedores de batatas, 1885

Recentemente fui a um restaurante jantar e, quando eu estava a comer, deparei-me com uma multidão muda... Estava tudo muito calmo, nenhuma criança a gritar que queria duas bolas de gelado ou que estava com fome. Elas, com o olhar fixo no telemóvel, mal conseguiam comer e saborear a comida, só conseguiam olhar para aquele ecrã viciante e cheio de cores. As pessoas mal faziam contato visual e mal conversavam.

Ali reparei como era bom quando as crianças queriam comer rapidamente para se divertirem, comer a sobremesa ou quando elas chegavam de mãos dadas umas com as outras apresentando o seu novo coleguinha, quando as pessoas se olhavam olhos nos olhos, riam, compartilhavam o que haviam feito durante a semana ou o que planeavam para o futuro.

Rebeca Souza, 9.º G